

Processo de internacionalização da Universidade Estadual de Feira de Santana: panorama histórico na perspectiva dos gestores

*Internationalization process of the State University of Feira de Santana: a historical
overview from the managers' perspective*

Milenna Brun¹

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Maria Victória de Macêdo Andrade²

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Laís Sampaio Soares³

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Resumo: O processo de internacionalização do ensino superior tem se intensificado com o fenômeno da globalização e representa um desafio de transformação para as instituições universitárias. Nesse contexto, a experiência de mobilidade estudantil internacional fomenta e consolida benefícios linguísticos, culturais e acadêmicos direta ou indiretamente para toda a comunidade acadêmica. Esta pesquisa problematizou a trajetória histórica do processo de internacionalização da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) na perspectiva dos gestores da sua Assessoria Especial de Relações Institucionais (AERI) no período de 1997 a 2019. O estudo objetivou mapear as políticas, ações e prospectos linguísticos, educacionais e psicoculturais do Projeto de Internacionalização Institucional. Através dos princípios da metodologia de história oral temática e de uma abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os gestores diretos, focalizando os aspectos e eventos históricos do processo de internacionalização. Evidenciou-se que a proposta de acompanhamento dos estudantes em mobilidade internacional se restringe a orientações jurídicas, administrativas, financeiras e acadêmicas, indicando que aspectos psicoculturais da experiência de mobilidade internacional merecem maior destaque. A análise histórica das estratégias institucionais de internacionalização revelou a necessidade de avaliação dos programas de mobilidade e, consequentemente, da implantação de ações mais eficazes acerca do acompanhamento e do apoio aos intercambistas.

Palavras-chave: Internacionalização universitária. Mobilidade Acadêmica Internacional. Gestão universitária. Ensino Superior.

Abstract: The process of internationalization of higher education has intensified with the phenomenon of globalization and represents a transformation challenge for universities. In this context, the experience of international student mobility promotes and consolidates direct or indirect linguistic, cultural and academic benefits for the whole academic community. This research focused in the history of the internationalization process at the State University of Feira de Santana (UEFS) from the Special Advisory of Institutional Relations (AERI) managers' perspectives from 1997 to 2019. The main purpose of the study was to map out the linguistic, educational and psychocultural policies, actions and prospects of the Institutional Internationalization Project.

¹ Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: milennab@uefs.br.

² Graduanda em Licenciatura em Letras com Inglês pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: victoriaandrade@live.com.

³ Graduada em Licenciatura em Letras com Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: lay.sampaio@hotmail.com.

Based on the principles of thematic oral history methodology and using a qualitative approach, semi-structured interviews were conducted with direct managers concentrating on the historical aspects and events of the internationalization process. It became evident that the support strategy in place is restricted to legal, administrative, financial and academic guidelines and that the psychocultural aspects of the international mobility experience deserve greater attention. The historical analysis of institutional monitoring and advising strategies demonstrated need to evaluate mobility programs and, consequently, to implement more effective actions regarding the support offered to exchange students.

Keywords: Internationalization. International Academic Mobility. University Administration. Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

O processo de internacionalização do ensino superior surge no contexto de crescimento do fluxo de informações e de conhecimentos que caracteriza o fenômeno de globalização. As universidades brasileiras vêm buscando adaptar-se para integrar essa rede internacional visando o compartilhamento de informações e de experiências nas suas missões de ensino, de pesquisa e de extensão. Segundo Santos e Almeida Filho (2012), a internacionalização como missão universitária depende de uma mobilização consciente e deliberada que promova mais projetos integradores e aumente a dimensão de suas atividades referentes à formação, pesquisa e inovação. A fim de fomentar e/ou consolidar a dimensão internacional no ambiente acadêmico, programas de mobilidade e cooperação internacional têm sido intencionalmente implementados e ainda representam uma das práticas mais visíveis e frequentes do processo de internacionalização na América Latina (De Wit; Gacel-Ávila; Knobel, 2017).

Considerando a importância e o impacto do processo de internacionalização na universidade, apresentamos neste texto os resultados da primeira etapa da nossa pesquisa que problematizou a percepção dos gestores diretos acerca da trajetória histórica da internacionalização na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A UEFS é uma universidade estadual localizada no interior da Bahia, na região nordeste do Brasil. Fundada em 1976 como parte da estratégia governamental de interiorizar a educação superior, oferta atualmente 31 cursos de graduação, 21 cursos de especialização *lato sensu* e 22 cursos de pós-graduação para 9.000 alunos, e desenvolve 43 programas e 122 projetos de extensão ativos. As práticas, ações e diretrizes que norteiam o seu processo de internacionalização são elaboradas e administradas pela Assessoria Especial de Relações Institucionais (AERI) desde 1997.

Através de uma abordagem qualitativa, objetivamos analisar a história do processo de internacionalização na UEFS para mapear as políticas, ações e perspectivas psicoculturais no Projeto de Internacionalização e nos Programas de Mobilidade e Cooperação Internacional. Especificamente, nossa pesquisa pretendeu descrever o processo de internacionalização na visão dos gestores institucionais; inventariar os eventos e as ações político-administrativas e educacionais que contribuíram para a internacionalização no sentido *lato*, e relatar qualitativamente a história da internacionalização da UEFS incluindo não somente a compreensão da política linguística da instituição, mas também as ações e concepções psicoculturais presentes no projeto de internacionalização.

Com base nos princípios da metodologia de história oral temática (Meihy, 2000), fizemos o registro histórico das percepções dos gestores da AERI sobre a internacionalização por meio de entrevistas semiestruturadas. Suas versões evidenciaram uma memória coletiva capaz de esclarecer a história da internacionalização na UEFS.

Apresentamos, inicialmente, uma contextualização teórica acerca da internacionalização na educação superior no Brasil, sobre o conceito e a relevância da mobilidade acadêmica internacional e sobre o papel dos gestores no processo de internacionalização. Discutimos, em seguida, a noção teórica da história oral temática e os aspectos metodológicos que guiaram a investigação. Finalmente, apresentamos os resultados em dimensões qualitativas: panorama e marcos históricos do processo de internacionalização, eventos e programas de consolidação, impacto das gestões, dificuldades e prospectos linguísticos, e processo de acompanhamento e estratégias de apoio e perspectiva dos gestores sobre questões psicoculturais dos estudantes em mobilidade acadêmica internacional externa.

2 A INTERNACIONALIZAÇÃO E A MOBILIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A Conferência Mundial da Unesco de 1998 formalizou e enfatizou a importância das diretrizes estratégicas de internacionalização das universidades ao definir a internacionalização como um dos focos essenciais para o ensino superior (Seddoh, 2003). Contudo, fomentar a internacionalização como uma missão da universidade requer a mobilização consciente e intencional para a sua inclusão nas atividades de formação, pesquisa e inovação (Morosini, 2008; Santos; Almeida, 2012). Requer também um posicionamento oposto a um projeto neoliberal de comoditização da educação que intensifica desigualdades e que contrasta com a visão humanista proposta pela Unesco. Estas reflexões são hoje centrais para gestores e pesquisadores preocupados com a dimensão social da universidade. O debate sobre o viver/fazer universitário como um bem de serviço ou um serviço para o bem foi expresso globalmente no reconhecimento de que a mercantilização da educação ainda é elencada como “o principal risco da internacionalização do ensino superior para a sociedade” (Marinoni, 2019, p.26). Há, portanto, uma resistência a esta transnacionalização de serviços e um clamor para que seja valorizado o binômio liberdade acadêmica e autonomia institucional, a fim de que as universidades desempenhem o papel fundamental de servir ao bem comum.

Ao revisar a definição, as abordagens e os fundamentos da internacionalização, Jane Knight (2003) explica que a consolidação evolutiva do processo de internacionalização depende da integração do ensino e da pesquisa em dois níveis: o nacional e o institucional. Ambos influenciam a internacionalização que, ainda segundo Knight, é um processo contínuo e integrador em níveis internacional, intercultural e de dimensão global. No nível nacional, as políticas públicas, os programas linguísticos, os modelos de financiamento e os marcos regulatórios instigam de maneira estratégica as possibilidades reais das instituições de ensino superior (Knight, 2003; Knight, 2008).

Historicamente no Brasil, as ações implementadas pelos organismos de fomento à pesquisa favoreceram o fluxo de mobilidade acadêmica internacional de pesquisadores

brasileiros (Amorim, 2012). O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações e busca incentivar a pesquisa, enquanto a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação, tem a função de expandir e consolidar a pós-graduação, através de bolsas de pesquisas, cursos de aperfeiçoamento no exterior, ou programas como o Ciências sem Fronteiras (CsF) e o Idiomas sem Fronteiras (IsF)⁴.

As medidas e iniciativas estabelecidas por cada universidade podem partir de diferentes motivações na abordagem do processo de internacionalização, que por sua vez, tem um caráter multidimensional envolvendo aspectos socioeconômicos, políticos, culturais e tecnológicos. Na ausência de políticas de internacionalização estratégicas e de longo prazo, grande parte das ações institucionais tem priorizado a mobilidade acadêmica de discentes e docentes.

A mobilidade acadêmica, definida por Hudzik (2011, p. 9) como o “movimento de alunos e professores além das fronteiras para períodos de aprendizagem e descoberta que é por sua natureza, a experiência primária e o componente de aprendizagem ativa da internacionalização” é uma das práticas mais destacadas no processo de internacionalização e representa uma experiência determinante para os participantes. Na Europa, o processo de Bolonha⁵, impulsionou a mobilidade acadêmica estudantil a partir de 1999. No Brasil, os programas institucionais de mobilidade internacional foram alavancados pelo programa federal CsF em vigor de 2011 a 2016.

A mobilidade estudantil internacional contempla a realização de um curso completo ou de um curso de curto período no exterior, seja durante um semestre ou um ano. Ela também envolve estudantes que participam de programas de grau colaborativo como diplomas duplos ou *sandwich* (Knight, 2012). A experiência de viver em outro país, de conhecer pessoas, modos e costumes diferentes, de aprender outras línguas, de conviver com pessoas de outras culturas, favorece a autonomia e contribui para o desenvolvimento de competências linguísticas e transculturais. Nesse sentido, Taschetto e Rosa (2019) enfatizam o aspecto signifiicante dessa experiência para o estudante e para a construção de valores éticos globais e a caracterizam como “atravessamentos subjetivos, culturais, territoriais e interpessoais como algo que, por sua natureza transcultural, desempenha um papel fundamental no rompimento de barreiras criadas pelo humano” (Taschetto; Rosa, 2019, p.302). Além dessas experiências, competências são desenvolvidas na dimensão acadêmica, tais como novas metodologias de estudos e de trabalhos acadêmicos. A possível descoberta de uma cidadania planetária (Morin, 1995) assim como a preocupação com questões internacionais, o desenvolvimento de uma mentalidade

⁴ O programa Ciências sem Fronteiras (2011-2017) foi um programa de incentivo à formação acadêmica e a projetos de pesquisa no exterior que buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. O programa Idiomas sem Fronteiras objetiva promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização do ensino superior no Brasil valorizando a formação de professores de línguas.

⁵ Processo que conduziu à criação do Espaço Europeu de Educação Superior a partir da assinatura da Declaração de Bolonha (1999) assinada inicialmente por ministros da Educação de vinte e nove países europeus.

global e a autoconsciência são outros aspectos que devem ser acentuados e que podem ser resultantes da experiência de estudos no exterior (Brun, 2021).

2.1 O PAPEL DOS GESTORES NA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

A globalização tem sido visível em múltiplas facetas da nossa vida nas últimas décadas. Aspectos observáveis deste fenômeno foram listados por Dias Sobrinho (2005): novas organizações da sociedade, modalidades de comunicação, mobilidade, ciência, tecnologia e formas do trabalho. Tanque e Morilas (2013, p.5) enfatizaram a repercussão da globalização no ensino superior: “sua influência na esfera social, econômica, política e tecnológica aumentou substancialmente, atingindo as instituições de ensino superior, impondo-lhes a necessidade de adaptação frente às novas demandas sociais”. Altbach (2002, p.6) considerou a necessidade de adaptações do ensino superior diante das implicações internacionais da globalização que “incluem ensino superior de massa; um mercado global para alunos, professores e funcionários altamente qualificados; o alcance global das novas tecnologias baseadas na internet (...)”.

Apesar das diferenças entre eles, os processos de globalização e internacionalização do ensino superior estão relacionados. Para Miura (2006, p. 3), “a internacionalização parece ser concebida tanto como uma resposta quanto como um catalisador para a globalização”. A fim de responderem aos desafios vigentes, as instituições de ensino superior (IES) precisam reestruturar-se e novos papéis devem ser desempenhados pelos funcionários dos setores institucionais responsáveis por atividades de organização e fomento da internacionalização. Hunter (2018, p.17) salienta, por exemplo, que além da participação em cursos de língua inglesa, estas equipes devem desenvolver duas habilidades essenciais: “a capacidade de se comunicar em um ambiente multicultural e o desenvolvimento de uma compreensão sobre internacionalização”. Ao internacionalizar-se, uma IES almeja melhorias na pesquisa, no ensino e na extensão através da inserção da comunidade acadêmica de todas essas instâncias em um ambiente internacional. Para que essa inserção seja realizada com relativo sucesso, todos os seus membros devem se envolver nas atividades de internacionalização sejam elas relacionadas a ações de cooperação e/ou mobilidade internacional ou a práticas de internacionalização em casa. Além deste engajamento da comunidade interna da instituição, Justino (2009) ressaltou a importância da interlocução com agências de fomento, com organismos internacionais, com órgãos governamentais e com outras IES.

3 HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA COMO UM CAMINHO METODOLÓGICO

A história oral é uma metodologia de pesquisa inserida no movimento internacional da pesquisa histórica alavancado pelo desenvolvimento e pela acessibilidade de tecnologia da informação. Essa metodologia apoia-se na realização de entrevistas gravadas com pessoas ou testemunhas (Alberti, 2000; David, 2013). Para Alberti (2000, p.2) “a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao

fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado”.

No Brasil, o Centro de Pesquisas e Documentações (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas foi uma das primeiras instituições a utilizar a metodologia de história oral. Santos e Araújo (2007) atestam que a disseminação no ambiente acadêmico a partir dos anos 90 provém essencialmente do denso trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisadores da Associação Brasileira de História Oral da Usp e afirmam ainda que “a história oral pode assumir diferentes formas, tendo como objetivo registrar experiências de uma pessoa, ou de diversas pessoas pertencentes a um grupo social, a uma mesma coletividade” (2007, p.192).

A metodologia de história oral faz emergir as experiências de quem relata e produz um conhecimento mais abundante sobre os acontecimentos vividos que, de outra maneira, teria sido perdido (MATOS, SENNA, 2011). Esta abordagem qualitativa de pesquisa considera uma variável fundamental: a memória. As entrevistas e os relatos dos entrevistados sobre o passado tornam-se o ponto central da pesquisa e a sua narrativa é integrada por tudo que foi evocado, o que foi lembrado e como foi narrado. Tudo isso é projetado na imaginação, materializa-se na oralidade e pode, por fim, ser transformado em fonte escrita (MEIYH, 2000). Acerca do debate entre memória e história, contemplamos as ponderações de Silva e Silva (2009, p.276): “[...] essas noções são inseparáveis, pois se a História é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória”. A história oral é pertinente para o resgate histórico de determinados processos ou acontecimentos na medida em que possibilita que as pessoas que os vivenciaram atuem como fonte de informações de suas experiências e pontos de vista.

A metodologia de história oral pode variar em modalidades diferentes: a história oral de vida (que consiste na narrativa do conjunto de experiências de vida da pessoa entrevistada, sendo, portanto, mais subjetiva e restrita à verdade individual), a tradição oral (que depende do entendimento acerca dos fundamentos míticos, dos rituais e da vida material de grupos, demandando um trabalho profundo em que a observação dirige a entrevista submetendo a narrativa a uma prática expressa) e a história oral temática (Meiyh, Holanda, 2007). Esta última é mais direta e objetiva e parte de um assunto específico determinado anteriormente; a entrevista busca a opinião do entrevistado sobre um evento ou fato específico e o recorte do tema deve aparecer nas perguntas que serão realizadas (Meihy, 2000). Freitas (2006) assinala que utilizando a metodologia de **história oral temática**, o pesquisador pode evidenciar uma memória coletiva com uma maior quantidade de informações e de comparações e identificar possíveis divergências e similaridades entre elas.

Através da metodologia de história oral temática com o tópico da internacionalização na UEFS, registramos as versões dos atuais gestores da AERI. São eles os protagonistas que participaram e/ou participam das ações de internacionalização da UEFS, estabelecendo contatos com as IES internacionais, captando recursos, acompanhando os intercambistas, informando a comunidade acadêmica e essencialmente agindo como guardiães da memória institucional.

4 METODOLOGIA

Realizamos um estudo qualitativo abordando a importância do processo de internacionalização universitária, e buscamos, através de um levantamento descritivo, investigar a trajetória histórica da internacionalização na UEFS na perspectiva dos gestores ativos. Para isso problematizamos as políticas, ações e prospectos linguísticos, educacionais e psicoculturais escutando os relatos dos sete funcionários da AERI em atividade na UEFS em 2019 e 2020. Nossos objetivos específicos foram descrever a história do processo de internacionalização da UEFS, inventariar os eventos e as ações político-administrativas e educacionais que contribuíram para a internacionalização universitária no sentido amplo, relatar qualitativamente a história da internacionalização da UEFS, incluindo a compreensão da política linguística da instituição e ações e concepções psicoculturais presentes no projeto de internacionalização.

A fim de atingir esses objetivos, realizamos entrevistas semiestruturadas individuais com cada gestor direto da AERI. As entrevistas foram baseadas na metodologia de estudo da história oral temática cujo tema, na interpretação de Alberti (2005, p.38), “pode ser de alguma forma ‘extraído’ da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas”. Transcrevemos as entrevistas integralmente, mantendo perguntas, respostas, palavras, repetições e erros (Meihy; Holanda, 2007). Realizamos uma análise qualitativa e os resultados que foram categorizados em seis dimensões, são apresentados buscando-se assegurar o anonimato dos entrevistados. Os procedimentos obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (projeto de pesquisa aprovado pelo parecer CEP/UEFS 3.342.250).

5 PANORAMA HISTÓRICO DO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UEFS

A participação da reitora da UEFS em uma missão internacional, em 1996, contribuiu para a conscientização da relevância da internacionalização na universidade. Ela “foi para uma missão em Coimbra e viu a necessidade da universidade ter uma assessoria que tratasse de mobilidade” (Gestor QXY, informação verbal). No ano seguinte a Assessoria Especial de Intercâmbio (AESPI) foi criada, com três funcionários, a fim de promover o intercâmbio técnico-científico-cultural e incentivar a cooperação nacional e internacional. A AESPI desenvolveu ações expressivas como os Projetos de Cooperação Internacional de capacitação docente: o Doutorado em Educação com a Universidade canadense de Sherbrooke e o Mestrado em Educação Especial com o Centro de Referência Latino Americano para Educação Especial de Cuba. Contudo, a demanda para a mobilidade estudantil externa era voluntária e esporádica na medida em que não existia uma prática ou rotina interna implementada: “antes tinha convênio internacional, mas não prática, a demanda era voluntária, o aluno ou professor batia na porta... Não era de cooperação, era só para alunos de graduação...” (Gestor YZK, informação verbal).

Entre 2001 e 2002, um convênio para estudantes de Educação Física foi firmado com a Universidade de Coimbra. Porém, a atividade logo foi interrompida: “[...]”

internacionalização nunca foi prioridade naquela época [...], não era algo fomentado pela instituição, era muito do professor que tinha experiência internacional e voltava com resultados e queria fazer o convênio, mas nada estruturado e institucional...” (Gestor QXY, informação verbal).

No ano de 2007, a reitoria promoveu uma reestruturação do setor transformando a AESPI em Assessoria Especial de Relações Institucionais (AERI). O objetivo dessa mudança foi “a proposta de transformar a internacionalização da UEFS com rotinas e práticas e também fazer uma capacitação de recursos externos” (Gestor YZK, informação verbal).

A participação dos gestores da AERI nas reuniões promovidas pela Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) contribuiu para fortalecer sua inserção em um contexto internacional alavancando as suas atividades. A participação de dois gestores da AERI na reunião da FAUBAI Nordeste em Fortaleza, em 2008, possibilitou a troca de experiências e de informações. Os depoimentos das outras assessorias sobre o seu modo de funcionamento e suas estatísticas de mobilidade evidenciaram a necessidade de elaborar rotinas e estratégias para consolidar a internacionalização na UEFS: “[...] a gente (assessores) foi vendo as experiências... [...] A FAUBAI foi nossa escola, a gente foi olhando as experiências e adaptando para cá” (Gestor YZK, informação verbal).

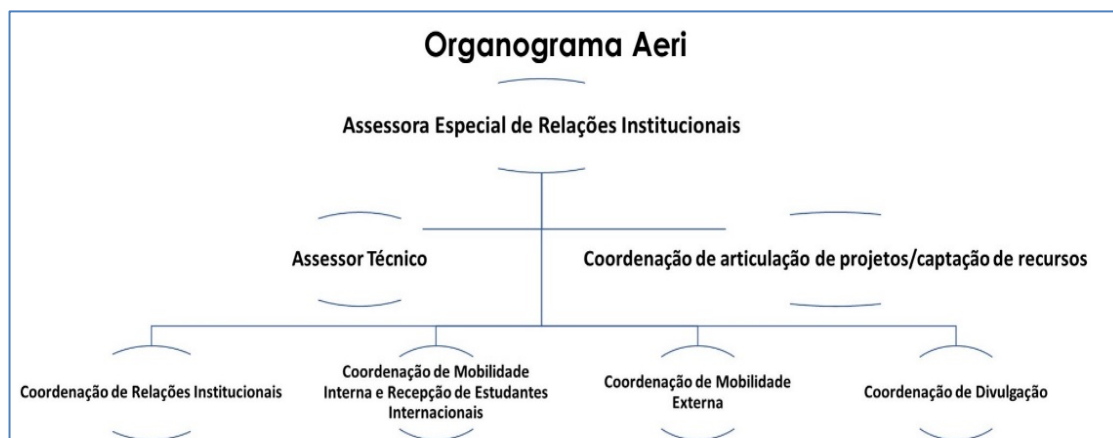
Os editais de financiamentos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) auxiliaram na estruturação e na consolidação de assessorias internacionais da Bahia e alicerçaram a história da AERI, pois viabilizaram a participação dos gestores em missões, a realização dos Workshops de Internacionalização Universitária (WIU), de programas de aprendizagem de línguas e de exames de proficiência linguística. A partir desses editais “a FAPESB passa a fortalecer a cooperação internacional nas universidades estaduais, o que era incipiente” (Gestor QXY, informação verbal).

O primeiro edital de mobilidade estudantil internacional para uma IES de Portugal foi publicado em 2009. E “a partir daí houve uma regularidade dos editais de mobilidade” (Gestor QXY, informação verbal). Ainda em 2009, o financiamento da FAPESB possibilitou a realização do primeiro WIU restrito ao público interno (palestrantes, assessores da AERI e professores convidados). Esse apoio permitiu o lançamento do segundo edital de mobilidade externa da AERI em 2010. Assim, quando o Governo Federal criou o “Ciências sem Fronteiras” (CsF), em 2011, a UEFS já dispunha de um programa de bolsa institucional de intercâmbio e de uma estrutura favorável para a mobilidade estudantil externa. Consequentemente, os estudantes da UEFS puderam participar do primeiro edital do CsF. O programa CsF foi extremamente significativo para o processo de internacionalização da UEFS pois permitiu a ampliação do número de convênios e da quantidade de estudantes de graduação em mobilidade durante a sua vigência (2011-2016). Um dos gestores afirmou que “quando lançou o Ciências sem Fronteiras, lançou primeiro pela pós-graduação, todos os programas que tinham bolsa IC poderiam submeter seus alunos de IC aos convênios já firmados pela universidade” (Gestor YZK, informação verbal). Como a UEFS possuía estudantes em Programas de Iniciação Científica (IC) e havia firmado convênios com universidades no exterior, a AERI conseguiu oferecer quatorze bolsas de intercâmbio (para Portugal e Itália). Segundo

um dos entrevistados, a UEFS “foi uma das poucas universidades que completaram as cotas do CNPq” (Gestor YZK, informação verbal).

Em 2012, a AERI começou a ampliar a quantidade de eventos e projetos de internacionalização em casa. Nesse mesmo período, a vasta demanda de estudantes que desejavam realizar o intercâmbio motivou a criação das coordenações de mobilidade estudantil interna e externa. No final de 2012, a Comissão de Cooperação Internacional (CCInt) foi instaurada com o intuito de garantir uma seleção de intercâmbio uniforme e transparente sem privilégio nem preferência por candidato ou por área. No ano de 2013 o ingresso da UEFS no grupo Coimbra⁶, considerado pelos gestores como um de seus convênios mais importantes, incitou a estruturação de toda a AERI em coordenações. A sua estrutura atual demonstra a necessidade de gestores e técnicos cada vez mais capacitados e que apreendam a dimensão global e internacional almejada pela instituição (Cf. Figura 1).

Figura 1 - Organograma AERI



Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir de 2004, a AERI passou a acolher estudantes internacionais e pouco a pouco criou diversos programas e eventos de internacionalização. Esta trajetória e o empenho dos gestores na busca por mais espaço e visibilidade para a internacionalização na UEFS culminaram, em 2019, com a conquista da terceira posição em internacionalização no ranking nacional “Universidades Empreendedoras”.

Durante mais de 20 anos de atividade, a UEFS estabeleceu vários programas e projetos com o objetivo de fortalecer o processo de internacionalização no ambiente universitário. Distinguímos abaixo cinco momentos marcantes deste processo relatados pelos gestores: o primeiro convênio firmado com a Universidade de Coimbra, o programa

⁶ Grupo Coimbra é uma associação que oportuniza conexões acadêmicas, científicas e culturais entre as instituições associadas por meio da cooperação internacional, de programas, projetos e ações. GCUB BRASIL. Sobre o grupo Coimbra de Universidades Brasileiras. Disponível em: <https://www.gcub.org.br> Acesso em 28 out. 2020.

institucional autofinanciado de bolsas, a capacitação para assessores promovida pela FAUBAI, o WIU desenvolvido em conjunto com as Universidades Estaduais da Bahia (UEBAs), e a implementação do Programa Federal Ciências Sem Fronteiras (Cf. Figura 2).

Figura 2 - Marcos Históricos do Processo de Internacionalização na UEFS



Fonte: Elaborado pelas autoras

Os convênios firmados entre as instituições de ensino superior são basilares para a internacionalização universitária visto que a colaboração entre as instituições resulta em ações de cooperação acadêmico-científica nas áreas da pesquisa, do ensino e da extensão. A mobilidade de discentes e docentes na graduação e na pós-graduação é outra estratégia primordial para a internacionalização das IES. O primeiro convênio entre a UEFS e a Universidade de Coimbra (Portugal) em 2001 foi considerado “*um convênio marco*” (Gestor QXY, informação verbal) impulsionando a internacionalização na UEFS.

A concretização da mobilidade acadêmica no exterior demanda um apoio financeiro para despesas como taxas de escolaridade, moradia, transporte e alimentação. A regulamentação do Programa Institucional Bolsa Intercâmbio, projeto autofinanciado, foi mencionada como um dos momentos chaves para a internacionalização: “não era o valor de bolsa ideal, mas ali já se via uma instituição que poderia promover a mobilidade ajudando o estudante” (Gestor QXY, informação verbal). O reconhecimento da instituição no Nordeste foi ressaltada por um dos gestores: “(...) o reconhecimento que as outras instituições têm do nosso trabalho, o fato de sermos reconhecidas como uma das poucas que têm um programa de bolsas próprio e que mantêm isso (...) eu acho que esse reconhecimento é um marco (...) na AERI” (Gestor XYQ, informação verbal).

O impacto da globalização na educação revela a necessidade da profissionalização da equipe de assessoria internacional para que ela atue de maneira mais relevante e produtiva no processo de internacionalização. Contribuindo para essa profissionalização,

a FAUBAI auxilia os gestores dessas universidades por meio das capacitações ofertadas em suas conferências e workshops e ajuda a propagar a capacidade dessas universidades em parceria com as agências de fomento, organismos e programas internacionais. Um dos entrevistados reiterou que participar de uma capacitação promovida pela FAUBAI Nordeste em Fortaleza e ouvir os depoimentos e experiências de outros assessores foi primordial para a compreensão do funcionamento de uma assessoria de internacionalização.

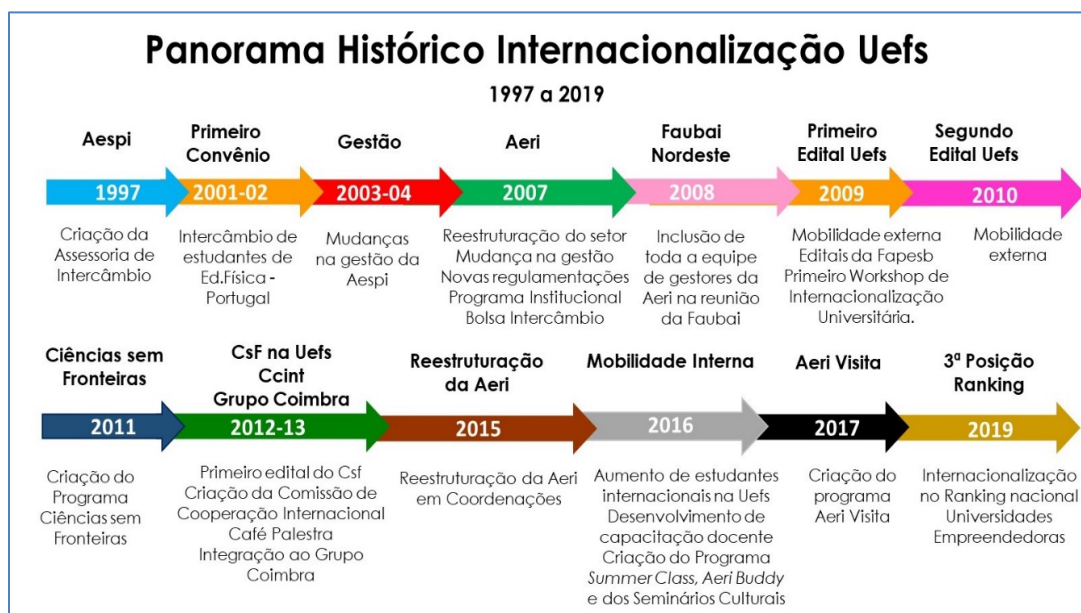
O WIU foi considerado o evento mais importante da AERI: “a gente consegue expor a atividade da AERI e mostrar resultados” (Gestor ZQY, informação verbal). Através de palestras e mesas-redondas, o evento tem a finalidade de sensibilizar a comunidade acadêmica acerca da pertinência da internacionalização. O WIU busca também explanar os resultados da mobilidade acadêmica oportunizando um espaço no qual os estudantes que realizaram mobilidade interna ou externa possam apresentar trabalhos e experiências pessoais. A 6ª edição do WIU, em 2014, foi um evento de grande porte que movimentou o campus com a presença de representantes da China e foi memorável na história da AERI. Um dos gestores testemunhou que os workshops anuais vêm sendo realizados há onze anos, apesar dos poucos recursos. O WIU tem uma função documentativa sobre o processo de internacionalização da AERI e traz benefícios abrangentes: “(...) a UEFS é uma referência para o nordeste. Então, esse evento é muito importante para consolidar a política de internacionalização da UEFS e também para aprender e ajudar com os nossos colegas aqui da região” (Gestor YZQ, informação verbal).

O programa CsF entrevistado de maneira perceptível no processo de internacionalização na UEFS. Tendo como objetivo principal a mobilidade acadêmica estudantil, o CsF foi criado em 26 de julho de 2011 com o propósito de incentivar e oportunizar a formação acadêmica no exterior. O programa disponibilizava bolsa, passagem de ida e volta, seguro saúde e auxílio didático para os estudantes selecionados provocando maior interesse na mobilidade estudantil externa. O CsF proporcionou para a UEFS uma farta quantidade de convênios com universidades de diferentes países e uma atividade mais significativa no que diz respeito ao intercâmbio estudantil. Os contatos estabelecidos no período de funcionamento do programa reforçaram a qualificação dos gestores: “foi um momento de grande aprendizado. Começamos a fazer convênio com universidades de vários lugares do mundo, a entrar em contato com muita gente. Participamos de eventos nacionalmente; encontramos muitos professores e responsáveis por muitas universidades de vários países” (Gestor QYZ, informação verbal).

O CsF foi o programa que provocou o maior impacto no processo de internacionalização da UEFS, segundo os gestores, possibilitando um visível aumento de convênios estabelecidos com instituições internacionais e de estudantes em intercâmbios no exterior. A bolsa oferecida pelo programa CsF, com valor superior à da bolsa da Uefs, estimulou a demanda em mobilidade externa e consequentemente promoveu o avanço no processo de internacionalização na universidade.

A figura 3 ilustra o panorama histórico da internacionalização na UEFS de 1997 a 2019.

Figura 3 - Panorama Histórico da Internacionalização da UEFS (1997 até 2019)



Fonte: Elaborado pelas autoras

5.1 CONSOLIDAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO: EVENTOS E PROGRAMAS

A AERI promove diversas iniciativas (ilustradas pelo quadro 1) com o intuito de incentivar a comunidade acadêmica a conhecer e apoiar o processo de internacionalização.

Assessores, pesquisadores, professores, estudantes e palestrantes de diversas universidades brasileiras participam do WIU. O evento vem disseminando as contribuições da experiência de mobilidade estudantil para a formação pessoal, acadêmica e profissional, sendo um ambiente de encontro e de troca de experiências: “O WIU se propõe a conscientizar a comunidade universitária quanto à importância da internacionalização” (Gestor QYZ, informação verbal). Na visão do gestor, o WIU contribui para uma cultura da internacionalização porque, além de conscientizar professores de diversos departamentos sobre os benefícios e melhorias evidentes no ensino e pesquisa advindos desse processo, possibilita um diálogo entre os intercambistas e os demais estudantes.

O evento *Café Palestra*, com 15 edições, representa uma oportunidade para que estudantes internacionais e ex-intercambistas relatem suas experiências para a comunidade acadêmica. Como a maioria dos estudantes não tem a oportunidade de realizar intercâmbios internacionais, estudantes internacionais em mobilidade interna na UEFS apresentam no evento *Seminários Culturais*, sua realidade de origem (país, cultura, língua, universidade) e relatam suas experiências como intercambistas. Ao proporcionarem um espaço de divulgação dos resultados da mobilidade, eventos como *WIU*, *Café Palestra* e

Seminários Culturais sinalizam também a intenção de incluir atividades de internacionalização em casa: “A experiência de relatar para outros estudantes (...) é super válida porque eles (estudantes que não realizaram intercâmbio) vão conhecer um pouco sobre a realidade daquele país, daquela universidade (...) conhecer de maneira indireta a internacionalização” (Gestor QYZ, informação verbal).

Quatro programas refletem a estratégia de internacionalização em casa. O programa *Chat Wheel* funcionou por dois anos e incentivou a relação entre estudantes internacionais e estudantes da UEFS viabilizando um espaço para comunicação e troca de experiências. O programa *Summer Class*, parceria entre a UEFS e a *City University of New York* (Cuny), instiga o desenvolvimento de pesquisas colaborativas entre estudantes e professores da UEFS. O programa semestral de apadrinhamento de estudantes internacionais, *AERI Buddy Program*, incentiva a interação entre os estudantes internacionais e os alunos da UEFS, facilitando a integração, a adaptação cultural e a aprendizagem mútua. O programa *AERI Visita*, com 11 edições, é direcionado aos docentes de pós-graduação da UEFS com o intuito de conscientizá-los sobre a relevância da internacionalização, das publicações em revistas internacionais e da captação de estudantes internacionais para o fortalecimento da pós-graduação.

Quadro 1 - Eventos e Programas estabelecidos pela AERI

ANO DE INÍCIO	EVENTOS E PROGRAMAS	NÚMERO DE EDIÇÕES
2009	Workshop de Internacionalização Universitária	11
2012	Café-Palestra	15
2016	Palestras Campus-França	02
	Seminários Culturais	07
	Chat Wheel	02
	Programa Summer Class	07
	Programa Aeri Buddy	05
2017	Programa Aeri Visita	11

Fonte: Elaborado pelas autoras

Estas iniciativas estratégicas favorecem uma cultura internacional no ambiente universitário e socializam os resultados positivos da internacionalização, ampliando o escopo inicial restrito aos programas de mobilidade.

5.2 IMPACTO DAS GESTÕES NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

As gestões da instituição e da assessoria atuaram de modo alinhado e estratégico com o objetivo de consolidar e valorizar a internacionalização. Nesse esforço, duas ações repercutiram de maneira proeminente: a reestruturação do setor e a implementação do Programa Institucional de Bolsa Intercâmbio. Tais mudanças, reconhecidas como positivas pela maioria dos entrevistados, contribuíram diretamente para o processo de internacionalização da UEFS. Esses benefícios podem ser observados, por exemplo, na

expansão de programas e eventos focalizados no processo de internacionalização que, com o passar dos anos, foi ganhando mais espaço e credibilidade no âmbito acadêmico.

5.3 QUESTÕES LINGUÍSTICAS NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

O Departamento de Letras e Artes (DLA)⁷ colabora para o processo de internacionalização com ações de incentivo ao ensino-aprendizagem de línguas e avaliação de proficiência linguística estabelecendo uma relação de parceria com a AERI e viabilizando a mobilidade estudantil interna e externa. Uma dessas parcerias foi concretizada pelo Programa de Formação de Aprendizizes em Línguas Estrangeiras (PROFALE) financiado pela FAPESB com cursos de inglês, francês e espanhol (línguas ensinadas nas licenciaturas da UEFS). Contudo, o programa não atingiu o número de participantes almejado “(...) foi um recurso considerável, mas o número mínimo de estudantes atendidos... eu acho que (...) se o Profale existisse hoje, teria uma adesão maior por conta da cultura. Ele veio em uma época em que aprender uma língua estrangeira não era prioridade” (Gestor QXY, informação verbal).

Um dos gestores afirmou que, apesar do empenho do DLA, o papel primordial do ensino-aprendizagem de línguas no campus ainda não é assimilado: “(...) os esforços poderiam ser maiores (...) por exemplo, ministrar disciplinas em língua estrangeira; isso (...) disseminaria essa cultura de língua estrangeira em toda instituição” (Gestor QXY, informação verbal).

A falta de proficiência dos estudantes da UEFS foi elencada pelos gestores como uma barreira para a mobilidade externa: “(...) a gente vê essa questão da barreira da língua muito grande aqui pelo número de processos de intercâmbio no edital. A maioria quer ir pra Portugal, (...) por conta da barreira, da dificuldade da segunda língua” (Gestor QZY, informação verbal).

5.4 PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO E ESTRATÉGIAS DE APOIO

A AERI estabeleceu estratégias para o acompanhamento do intercâmbio antes, durante e depois da mobilidade (sintetizadas no Quadro 2). Antes da viagem, a AERI promove uma reunião de orientação inicial com informações práticas e administrativas sobre as universidades de destino, a solicitação de visto e a emissão do passaporte). Após receberem a carta de aceite da instituição selecionada, os intercambistas participam de uma reunião pré-embarque com familiares, assessores da AERI, consultores externos e ex-intercambistas. Durante o intercâmbio, a coordenação de mobilidade externa mantém contato virtual a fim de acompanhar a instalação dos intercambistas no país e na instituição de destino. A terceira fase do processo de acompanhamento ocorre após o intercâmbio, quando os estudantes são apoiados no processo de aproveitamento e

⁷ Programa de Aprimoramento em Língua e Literatura Estrangeiras (PALLE) e de Ensino-aprendizagem de Línguas para a Cidadania, a Inclusão e o Diálogo multi e intercultural (PORTAL), do grupo de pesquisa Educação, Línguas e Culturas Estrangeiras (ELCE) e do Núcleo de Idiomas sem Fronteiras (NUCLI- ISF).

validação de disciplinas cursadas. Ao retornarem, os participantes devem apresentar propostas de projetos inéditos relacionados⁸ a ensino/pesquisa/extensão oriundos da sua experiência de mobilidade internacional no WIU: “O estudante de mobilidade da graduação do nosso edital ao retornar tem que apresentar um projeto oriundo da experiência internacional (...) Isso também é uma forma de acompanhar o que a experiência agregou à formação de ensino, pesquisa ou extensão (...)” (Gestor XYQ, informação verbal). A exigência de apresentação destes projetos integra o objetivo da AERI de conscientizar o intercambista sobre o papel e a relevância socioeconômica da mobilidade estudantil partindo da: “(...) tentativa de solucionar um problema do entorno (...) de associar a experiência internacional à responsabilidade social” (Gestor XYQ, informação verbal).

Quadro 2 - Processo de Acompanhamento dos Intercambistas

ATIVIDADES		
ANTES DO INTERCÂMBIO	DURANTE O INTERCÂMBIO	DEPOIS DO INTERCÂMBIO
Avaliação da documentação Reunião de Orientação Reunião de Pré-embarque	Formulário de Chegada Renovação de Intercâmbio Contato Virtual	Validação do Intercâmbio Questionário de Mobilidade Apresentação no WIU

Fonte: Elaborado pelas autoras

A importância de incluir, no acompanhamento estudantil, as questões psicoculturais (insegurança, medo, autonomia, ansiedade, luto, identidade) que são potencializadas no processo de mobilidade acadêmica foi sublinhada por um gestor: “seria muito interessante se a gente pudesse de alguma forma oferecer (...) algum tipo de suporte psicológico aos estudantes, (...). Há um impacto muito grande por conta dessas situações e também daquilo que é evocado da própria experiência do sujeito” (Gestor QZY, informação verbal).

Sobre a necessidade do acompanhamento do estudante antes e/ou durante o intercâmbio, um entrevistado questionou “se o serviço de psicologia da UEFS (...) ou a universidade teria condição de prestar algum tipo de apoio nesse sentido para os estudantes enquanto eles estivessem lá e até no preparo antes porque muitas situações na verdade são potencializadas lá (...), mas os estudantes já levam daqui” (Gestor QZY, informação verbal). Embora exista um acompanhamento administrativo, o estudante está sendo lançado para o desconhecido e se depara com um ambiente que potencializa a sensação de desamparo visto que não possui mais nem o suporte nem a rede de apoio existentes no seu país de origem. O estudante precisa administrar questões relacionadas a aspectos inerentes à experiência como a exposição à língua, a participação nas aulas em outra universidade e a interação com pessoas, culturas e pensamentos diferentes. Nesse sentido, um dos entrevistados defende a implementação de acompanhamento ou apoio psicológico para os estudantes antes e/ou durante o intercâmbio considerando que “realmente é uma experiência fantástica, mas é uma experiência que evoca uma série de

⁸ Exemplos desses projetos podem ser acessados nos Anais dos WIU no site da AERI (<http://aeri.uefs.br>)

questões de sentimentos, inseguranças pensamentos, idealizações (...)” (Gestor QZY, informação verbal). Embora exista na AERI uma preocupação com as questões psicoculturais interligadas ao processo de mobilidade acadêmica externa, evidenciamos a necessidade de incluí-las sistematicamente nas estratégias de acompanhamento que hoje restringem-se a questões administrativas e acadêmicas (plano de estudo, validação de créditos, etc.).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política de internacionalização universitária ganhou mais visibilidade e investimentos nas IES mundiais a partir dos anos 90. Desde 1997, a UEFS vem promovendo ações de consolidação do seu processo de internacionalização. A sua política de internacionalização foi amplificada e valorizada pelo trabalho estratégico da Assessoria de Relações Institucionais que tem firmado convênios, criado eventos e programas, encorajado uma consciência e uma cultura internacional no campus e impulsionado a mobilidade estudantil interna e externa.

O resgate histórico do processo de internacionalização na perspectiva dos gestores aqui apresentado buscou contribuir para reconhecer esses esforços e para refletir sobre novas estratégias que visem o aperfeiçoamento constante da internacionalização na universidade. A opção metodológica pela história temática oral e o uso de entrevistas individuais com os gestores da AERI foram métodos adequados para a compreensão da trajetória histórica do processo de internacionalização na universidade. A riqueza de detalhes oferecida pelos protagonistas entrevistados permitiu visualizar um panorama histórico, traçar uma linha do tempo e identificar os momentos chave no caminho da internacionalização institucional. O papel capital dos gestores da AERI foi evidenciado.

A AERI mostrou-se capaz de fomentar o programa de mobilidade internacional interna e externa e incentivar práticas de internacionalização em casa. Ainda assim, identificamos dois aspectos basilares que ainda merecem atenção.

Uma cultura verdadeiramente internacional depende da valorização da aprendizagem de culturas-línguas já que barreiras linguísticas foram consistentemente elencadas como obstáculos primordiais nas duas últimas enquetes globais da Associação Internacional das Universidades (Marinoni, 2019; Egron-Polak; Hudson, 2014). Embora existam programas focados no acesso a cursos de idiomas, a infraestrutura na UEFS ainda é bastante precária. Isto transparece na ausência de uma política linguística institucional e foi revelado nas entrevistas por fatores tais como: quadro reduzido de professores de culturas-línguas, ausência de um Centro e de um Laboratório de Culturas-Línguas, e reconhecida falta de apoio financeiro para publicações e participações do corpo docente em periódicos e eventos internacionais. Assim, a priorização e a disseminação do acesso ao ensino-aprendizagem de culturas-línguas podem vir a apoiar concreta e estrategicamente o processo de internacionalização.

O ensino-aprendizagem de línguas requer uma infraestrutura favorável e visibilidade no meio acadêmico da UEFS. Um maior investimento nos programas vigentes (contratação de bolsistas estagiários e professores de línguas) e ações que viabilizem a implementação de um Centro de Línguas e Culturas e um laboratório de

línguas para atender a comunidade interna e externa foram estratégias sinalizadas pelos entrevistados a fim de fortalecer o processo de internacionalização da universidade.

A mobilidade acadêmica estudantil internacional revelou-se inequivocamente uma prática primordial do processo de internacionalização na universidade. Embora estratégias de apoio e acompanhamento tenham sido implementadas pela AERI, nossa pesquisa evidenciou a necessidade de expandir essas ações visando aperfeiçoar a mobilidade tanto nos aspectos práticos quanto nas questões educativas e psicoculturais. Para que o esforço acadêmico, financeiro e administrativo empreendido pela UEFS não apenas repercuta positivamente a vida pessoal dos intercambistas, mas também beneficie socialmente a comunidade acadêmica, postulamos que o aprimoramento do programa de acompanhamento integral dos estudantes em mobilidade (integrando vetores acadêmicos e subjetivos) e a sistemática avaliação deste programa são cruciais.

Tendo almejado contribuir para valorizar e preservar a história da internacionalização na UEFS e ampliar as reflexões sobre as suas práticas institucionais, enfatizamos a pertinência de prosseguir com estudos sobre a internacionalização e a didática da mobilidade da UEFS e das instituições com ela conveniadas visando a evolução no seu processo de internacionalização.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1525.pdf Acesso em 11 ago 2020

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2005.

ALTBACH, Philip. Perspectives on internationalizing higher education. **International Higher Education**, n. 27, 2002.

BRASIL Júnior. Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Ranking de Universidades Empreendedoras. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://universidadesempreendedoras.org/wp-content/uploads/2019/10/ranking-2019.pdf>

Acesso em: 10 maio 2021

BRUN, Milenna. Reflexões preliminares sobre aspectos psicoculturais e questões identitárias em programas internacionais de mobilidade estudantil. In CONGRESSO NORDESTINO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 1, 2020, Campina Grande, PB. **Anais**. Aracaju, 2021, p. 1596-1608. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1YRg5GxH9Tkb6WEb0Hp15HvDRBkrhivc/view> Acesso em: 12 maio 2021.

DAVID, Priscila. História Oral: Metodologia do Diálogo/Oral History: Methodology for Dialogue. **Patrimônio e Memória**, v. 9, n. 1, p. 157-170, 2013.

DE WIT, Hans; GACEL-ÁVILA, Jocelyne; KNOBEL, Marcelo. Estado del arte de la internacionalización de la educación superior en América Latina. **Revista de Educación Superior en América Latina**, n. 2, 2017.

- DIAS SOBRINHO, José. Educação superior, globalização e democratização: qual universidade?. **Revista brasileira de educação**, n. 28, p. 164-173, 2005.
- EGRON-POLAK, Eva; HUDSON, Ross. Internationalization of higher education: Growing expectations, essential values. **IAU 4rd Global Survey Report ed**, 2014.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. Editora Humanitas, 2006.
- HUDZIK, John K. Comprehensive internationalization: From concept to action. **Washington, DC: NAFSA: Association of International Educators**, v. 44, 2011.
- HUNTER, Fiona. Training administrative staff to become key players in the internationalization of higher education. **International Higher Education**, n. 92, p. 16-17, 2018. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/10280/8955>
Acesso em: 10 maio 2021
- JUSTINO, Elisa Kaspareit. Internacionalização das instituições de ensino superior: estratégia ou modismo. **Revista E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial-ISSN-1983-1838**, v. 2, n. 2, p. 38-60, 2009.
- KNIGHT, Jane. Updated definition of internationalization. **International higher education**, n. 33, 2003.
- KNIGHT, Jane. Higher education in turmoil. **The changing world of internationalization**, v. 8, 2008.
- KNIGHT, Jane. Student mobility and internationalization: Trends and tribulations. Research in **Comparative and International Education**, v. 7, n. 1, p. 20-33, 2012.
- MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos**. 2011.
- MARINONI, Giorgio. **Internationalization of higher education: An evolving landscape, locally and globally: IAU 5th Global Survey**. DUZ Verlags-und Medienhaus GmbH, 2019.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Edições Loyola, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. Editora Contexto, 2007.
- MIURA, Irene Kazumi. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução Paulo Azevedo Neves da Silva, 2ª ed. Porto Alegre: Saulina, 1995.
- MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização da Educação Superior no Brasil pós-LDB: o impacto das sociedades tecnologicamente avançadas. **Educação superior no Brasil-10 anos pós-LDB**, v. 1, p. 285-304, 2008.
- SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.
- SANTOS, Sônia Maria de; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, 2007.

SEDDOH, Komlavi. Internacionalização da educação superior: tendências e desenvolvimento desde 1998. In: **Educação superior: reforma, mudança e internacionalização**. Anais. Brasília: Unesco Brasil, Sesu, 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Henrique Maciel. Dicionário de conceitos históricos. 2009. 2013.

TANOUE, Aline Donata; MORILAS, Luciana Romano. A internacionalização do ensino superior no Brasil: um estudo de caso das políticas da Universidade de São Paulo. IN: **III Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países de Língua Portuguesa**, 2013.

TASCHETTO, Leonidas Roberto; ROSA, Gabriel Celestino. Mobilidade acadêmica internacional: caminhos para vínculos transculturais. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 21, n. 47, 2019.